

Valor, preço e o dinheiro. A categoria do trabalho socialmente necessário na teoria do valor-trabalho

Victor Hugo Klagsbrunn¹

1. Introdução

A teoria do dinheiro de Marx se diferencia inicialmente das demais por se basear na teoria do valor-trabalho. Segundo sua visão as mercadorias entram na circulação já tendo um valor, que é expresso de modo aproximado na forma do preço. Para desvendar os mistérios desta forma aparente é necessário um trabalho teórico-analítico, já que ela esconde suas determinações por trás de uma aparência que encobre sua essência.

"O movimento mediador desaparece em seu próprio resultado e não deixa atrás de si nenhum vestígio. As mercadorias encontram sem nenhuma colaboração sua, sua própria figura de valor pronta, como um corpo de mercadoria existente fora e ao lado dela."²

"Na determinidade do preço está pressuposta a duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro e com isto a forma preço. Elas são tanto pressuposto para a circulação quanto resultado por elas constantemente reproduzidas".³

Se insistirmos em dar uma base racional à determinação dos preços, temos que buscar seu fundamento em algo comum a todas as mercadorias que, em última instância, permite a comparação de seus preços. Este atributo comum é o valor cuja substância é o trabalho. Inicialmente determinado pela quantidade de trabalho necessário para a produção da mercadoria o valor já é posto por Marx no Capítulo I do Livro I de O Capital como algo necessariamente social, pois a mercadoria só tem valor quando tem valor de uso para outros que não o seu produtor. E sua determinação quantitativa também o vincula imediatamente ao tempo de trabalho socialmente necessário, definido como o trabalho com produtividade média de um determinado ramo de produção. Mas como a única instância social de determinação de magnitudes que o capitalismo conhece é o mercado, o valor da mercadoria, em sua derivação lógica, qualitativa e quantitativa, a partir do *tempo de trabalho socialmente necessário* está referido ao mercado. A apreciação da longa trajetória do pensamento de Marx até chegar a esta última formulação, maturada durante mais de uma década, nos permite esclarecer não só os vários momentos nos quais tanto o valor quanto o preço são determinados no mercado, como também a importância central da categoria tempo de trabalho socialmente necessário na derivação dos preços de mercado a partir do valor-trabalho passando pelos preços de produção.

2. Valor enquanto valor de mercado.

É muito frequente a interpretação de que os valores são determinados independentemente do mercado. A esta esfera mais fenomênica corresponderiam apenas os preços. Conforme se poderá constatar mais adiante, este tipo de separação formal e mecânica entre valores e preços encontra precedentes em formulações iniciais do próprio Marx. No entanto, uma análise mais atenta nos leva à conclusão necessária de que o próprio valor só podia estar referido desde sua primeira determinação como categoria social, portanto ao mercado. E só nele o valor completa todos seus níveis de determinação.

¹ Professor Titular do Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

² Marx, K. (1985). O Capital, Vol. I, p. 84/5

³ PEM - Projektgruppe Entwicklung des Marx'schen Systems, Das Kapitel vom Geld - Interpretationen der verschiedenen Entwürfe, Interpretationen zum "Kapital" 2, VSA, Westberlin 1973, p. 118-119 (tradução do autor)

Vejamos inicialmente como Marx deriva a categoria do valor em O Capital. Após a explicitação da mercadoria enquanto valor de uso e valor - este sendo expresso necessariamente como valor de troca, ele determina a magnitude do valor por meio da quantidade da "substância constitutiva do valor" nele contido, o trabalho humano abstrato.⁴ Como passo seguinte, este tempo de trabalho recebe uma determinação complementar. Não se trata aqui da infinidade de trabalhos, com produtividades diferentes, mas de um trabalho com "uma força média de trabalho social" então designado como *tempo de trabalho socialmente necessário*, assim inicialmente definido: "Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade do trabalho."⁵ Não é por acaso que o trabalho que conta para a determinação do valor é o *socialmente necessário*, pois o trabalho com produtividade média só pode ser entendido como resultado de um processo social e não como simples média aritmética ponderada. Mesmo que a descrição completa de tal processo só possa ser apresentada no Livro III, Cap.X, de O Capital, seu caráter social é evidente. Como é próprio ao método de exposição e de desenvolvimento genético das categorias, a esta determinação inicial agregam-se outras, em níveis subseqüentes de análise indo do mais geral e simples para o mais concreto e complexo das categorias da superfície aparente da economia capitalista desenvolvidas no Livro III de O Capital.

Reforçando a necessidade de se entender o valor como social, uma página após introduzir a categoria de tempo de trabalho socialmente necessário, Marx volta a enfatizar que uma mercadoria contendo necessariamente um valor de uso, cuja utilidade é antes de mais nada individual e subjetiva, para ser mercadoria com valor tem que ter valor de uso social, pois "Para produzir mercadorias ele [o homem] não precisa produzir apenas valor de uso, mas valor de uso para outros, valor de uso social."⁶

Ainda no capítulo I, Marx chama a atenção do duplo caráter social, portanto de mercado, envolvido na formulação do que seja trabalho socialmente necessário. :

p. 168 X A partir desse momento [quando a troca é generalizada, VHk], os trabalhos privados dos produtores adquirem realmente duplo caráter social. Por um lado, eles têm de satisfazer determinada necessidade social, como trabalhos determinados úteis, e assim provar serem participantes do trabalho total, do sistema naturalmente desenvolvido da divisão social do trabalho. Por outro lado, só satisfazem às múltiplas necessidades de seus próprios produtores, na medida em que cada trabalho privado útil particular é permutável por toda outra espécie de trabalho privado, portanto lhe equivale."⁷

Nesta passagem Marx já está chamando a atenção do duplo caráter social que se esconde na formulação socialmente necessário. Ao lado da constituição de uma média das produtividades dos trabalhos dos produtores individuais - desenvolvida anteriormente - só o que corresponde às necessidades sociais expressas na divisão social do trabalho, em outras palavras o que é permutável com outros, se comprova, na troca, como tendo valor. Ou, nos termos desenvolvidos no Livro III, apenas as mercadorias que encontram comprador ao preço que garantam um lucro considerado satisfatório pelo produtor constituem valor, pois o trabalho nelas contido, modificado pelo processo de constante redistribuição do excedente pelo mecanismo de igualação/diferenciação das taxas de lucro e formação dos preços de produção, se mostra socialmente necessário.

4 Marx,K.(1985). Livro I, p. 47

5 Idem, p. 48

6 Idem, p. 49

7 Idem, p.72

O caráter social do valor, desde sua primeira formulação, se assenta portanto na categoria de *trabalho socialmente necessário*, que será discutida logo a seguir. Mais ainda: é esta categoria que permite a Marx não só tratar o valor desde sua introdução como algo social, portanto de mercado, mas também de seguir na determinação dos preços com seu fundamento racional, o valor-trabalho, média variável de condições constantemente mutáveis.

3. *O tempo de trabalho socialmente necessário*

A determinação inicial do tempo de trabalho socialmente necessário, como o tempo médio requerido socialmente para a produção de determinada mercadoria, não deixa de apresentar dificuldades, algumas das quais são apenas indicadas no Capítulo I de O Capital. Por exemplo: o grau médio de produtividade não existe na realidade, ele se compõe e pressupõe uma grande variedade de produtividades de indivíduos trabalhadores e de empresas. Os que trabalham com menor rendimento só terão uma parte de seu tempo de trabalho reconhecido pelos outros que comprem sua mercadoria e serão forçados a vender abaixo do tempo de trabalho despendido na sua produção. Os que produzem com maior produtividade venderão seu produto a um preço acima do seu tempo de trabalho. Deste modo “perdas” e “ganhos” se compensam. Mas no capítulo não se analisa ainda o que determina que alguns produtores, mesmo com produtividade abaixo da média, ainda continuem participando da produção e outros, em situação semelhante, não encontram respaldo no mercado e tendem a desaparecer ou têm que mudar sua forma de produzir para continuar concorrendo.

É evidente que tal discussão só pode ser colocada quando ficar claro que a venda não só precisa cobrir os custos como também gerar um excedente, condição da existência e do movimento do capital em contraposição ao dinheiro pura e simplesmente (Capítulo IV do Livro I). Pois, ao introduzir a necessidade do excedente na produção capitalista abre-se a possibilidade do produtor vender sua mercadoria acima do correspondente ao trabalho individualmente incorporado nela, mas com excedente (mais-valia) menor que o dos outros produtores.

O objetivo de Marx no Capítulo I ao introduzir a categoria de trabalho “normal” ou médio é bastante evidente. Ao tratar a diversidade de trabalhos individuais como sua média ele pode esclarecer e enfatizar que é possível acompanhar o desenvolvimento das forças produtivas e suas conseqüência para a tendência decrescente do valor das mercadorias individuais.⁸ Conforme o método de Marx, qualquer raciocínio formal, como o da média, só é lícito se ele corresponder a um processo efetivo de igualação. Uma operação aritmética não substitui nem comprova qualquer processo efetivo. A introdução da média da capacidade social de todos produtores coloca, assim, imediatamente a questão do mecanismo de igualação ou compensação destes diferentes níveis de produtividade. É certo que tal compensação, necessariamente social, só pode ocorrer no mercado que é a única esfera de coordenação entre os produtores que o capitalismo conhece.

Se não bastassem as indicações ainda iniciais encontradas no Cap. I, a citação seguinte extraída também do Livro I, Capítulo III, não deixa margem para dúvidas da determinação social do valor, expressa na formulação trabalho socialmente necessário:

“Admitamos, finalmente, que cada peça de linho existente no mercado contenha apenas o tempo de trabalho socialmente necessário. Apesar disso, a soma total dessas peças pode

⁸ Ver Marx, K. (1985), p. 49. Não deixa de ser paradoxal que todas as correntes de teoria econômica tão voltadas para o estudo e a relevância dos preços não tenham condições de afirmar coisa alguma sobre a tendência de longo prazo dos preços das mercadorias individuais. Isto porque não podem recorrer a uma teoria objetiva dos valores/preços que só pode se fundamentar no valor-trabalho.

conter trabalho supérfluo. Se o *estômago do mercado* não pode absorver o quantum total de linho, ao preço de 2 xelins por vara, isso comprova que foi despendida parte excessiva do tempo de trabalho social total em forma de tecelagem de linho. O efeito é o mesmo que se cada tecelão individual de linho tivesse utilizado em seu produto individual mais do que o tempo de trabalho socialmente necessário.”⁹ [grifo VHK]

Ambas determinações são sociais e ocorrem necessariamente no mercado. Além disto, ambas têm consequência semelhantes e cada uma implica e pressupõe a outra. A afirmação de que a mercadoria só tem o valor correspondente à média social de tempo de trabalho incorporado nela pressupõe a diversidade de níveis de produtividade e coloca a existência de um mecanismo de mercado para determinar essa média móvel. A conclusão de que apenas o que encontra demanda no mercado tem valor, pois contém trabalho socialmente necessário, pressupõe também a diversidade das condições individuais de produção e coloca a necessidade da coordenação e seleção dos produtores.

Rosdolsky (1989) dedica-se a analisar a relação entre oferta e procura e a importância do trabalho socialmente necessário, indicando que a determinação deste último ocorreria em duas etapas de interpretação: a primeira, de tipo “tecnológico” (condições médias de produção), a segunda mais relacionada a quanto o mercado absorve a um valor dado¹⁰. Aquele autor defende, com razão, que não há contradição entre as duas “etapas” de interpretação, como afirmavam alguns autores do início do século. Sua formulação deixa, no entanto, alguma margem de dúvida sobre a relação entre as duas “etapas”, ou melhor, níveis de determinação do tempo de trabalho socialmente necessário.

Não há propriamente etapas de interpretação, que indicariam uma certa dissociação entre ambas, sendo uma fora do mercado (“tecnológica”) e outra no mercado. Na verdade, são níveis de determinação que se agregam e se pressupõem mutuamente. Todas as colocações de Marx em *O Capital*, desde os primeiros capítulos, se referem a desenvolvimentos lógicos que pressupõem e integram o mercado, portanto a oferta e a demanda. Quando Marx parte da mercadoria ele abstrai inicialmente das demais circunstâncias da produção capitalista, mas esta abstração não contém nenhum elemento estranho à realidade da economia capitalista como seria considerar inicialmente uma instância fora do mercado. Aliás a própria designação *mercadoria* e não meramente *produto* já demonstra esta preocupação na forma de exposição e desenvolvimento das categorias.

Vejamos mais de perto as duas instâncias sociais de determinação do valor, acompanhando a evolução do pensamento de Marx a respeito do tempo de trabalho do qual se deriva a magnitude do valor. O entendimento de *trabalho socialmente necessário* é o ponto central para a determinação da diferença e da relação entre valores e preços, que também foi evoluindo no pensamento de Marx, a partir das primeiras notas sobre as leis do movimento da economia capitalista nos *Grundrisse*.

3.1. A evolução da concepção de Marx a partir dos *Grundrisse* a respeito da determinação do valor com base no tempo de trabalho socialmente necessário.

3.1.1. Valor e preço.

A partir da derivação do dinheiro temos uma primeira diferenciação entre valor e preço como sendo este último a expressão do valor em termos de uma quantidade determinada do equivalente geral. “El precio es este valor de cambio expresado en

⁹ Idem, p. 96

¹⁰ Rosdolsky, R. 1989, p. 118-9.

dinero. Por lo tanto, en primera instancia la diferencia entre valor y precio parece puramente nominal" ¹¹.

Rosdolsky sublinha um segundo nível de diferenciação entre valor e preço, com base na exposição exploratória de Marx nos *Grundrisse*, assumindo a ideia do valor como "centro de oscilación, como de los ascensos e descensos médios de la oscilación por encima o por debajo de este centro".¹² Rosdolsky não se dá conta que esta colocação, como se mostra a seguir, é nitidamente diferente daquela desenvolvida em *O Capital*.

Nos *Grundrisse*, a colocação de Marx é a seguinte:

"El valor (el real valor de cambio) de todas las mercancías (incluso el trabajo) está determinado por sus costos de producción, en otros términos, por el tiempo de trabajo requerido para su producción. El precio es este valor de cambio expresado en dinero... El valor de las mercancías determinado mediante el tiempo de trabajo es sólo su valor medio... El precio se distingue por lo tanto del valor no sólo como lo que es nominal se distingue de lo real: no solamente por su denominación en oro y plata, sino por este motivo: que el segundo se presenta como la ley de Los movimientos recorridos por el primero. Sin embargo, ellos son constantemente distintos y nunca coinciden o sólo lo hacen de modo accidental y por excepción. El precio de las mercancías es constantemente superior o inferior a su valor, y el mismo valor de las mercancías existe solamente en el up and down de Los precios de las mercancías." ¹³

Portanto, o preço não seria apenas o valor expresso em termos nominais, mas as duas grandezas seriam também no geral quantitativamente diferentes. O preço oscilaria em torno do valor, sendo este, derivado em termos formais, igual a uma média de longo prazo das variações dos preços. A questão não se esgotava aí já nos *Grundrisse*, como se pode observar em outro trecho, algumas páginas mais adiante, após a introdução da depreciação constante das mercadorias:

"La diferencia entre precio y valor, entre la mercancía medida a través del tiempo de trabajo de la que es producto del tiempo de trabajo por el cual ella se cambia, crea el requerimiento de una tercera mercancía como medida en la que se expresa el valor de cambio real de la mercancía. ... Dado que el tiempo de trabajo como medida de valor existe sólo idealmente, no puede servir como materia de confrontación de los precios. ... El precio distinto del valor es necesariamente el precio monetario. Aquí se ve que la diferencia nominal entre precio y valor es condicionada por su diferencia real." ¹⁴

Impõe-se, portanto, ir mais além da diferença nominal e desenvolver a diferença "real" entre valores e preços. Não se pode partir da forma preço como forma acabada para chegar ao valor, como mera média aritmética daquele, como ainda consta nos *Grundrisse* e posteriormente é alterado em *O Capital*, no qual a forma preço pressupõe a separação da mercadoria em mercadoria e dinheiro e não pode ser utilizada para determinar o que é seu pressuposto, o valor. Este deriva dos atributos próprios da mercadoria: valor de uso e valor de troca, este a forma de expressão do valor, determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário.

Há que se tomar o devido cuidado com a citação de trechos de um texto exploratório e assistemático como os *Grundrisse*. Muitas das ideias ali desenvolvidas inicialmente passaram por mudanças, até mesmo no interior das próprias notas que foram mais tarde publicadas com esse título. Assim, nos *Grundrisse* não há uma distinção entre valor e valor de troca, o trabalho substância do valor não é desenvolvido com seu duplo caráter socialmente necessário e o valor recebe sua determinação quantitativa a

¹¹ Rosdolsky, R., 1989, p. 133

¹² Cita Marx, K. (1973), *Grundrisse*, na pág.56 (na verdade 61) da edição espanhola, na edição alemã: pág.56.

¹³ Marx, K. (1973), pág.61/62

¹⁴ Marx, K. (1973), p. 65

partir das oscilações dos preços de mercado.¹⁵ Este tipo de colocação difere de pressupostos e desenvolvimentos claros em *O Capital*, como o de que o jogo entre oferta e demanda não determina o valor de uma mercadoria e a necessidade de mais uma etapa intermediária da análise - a dos preços de produção - no caminho de derivação dos preços de mercado a partir do valor-trabalho.

Ao longo dos *Grundrisse* Marx vai alcançando mais clareza quanto ao conceito de valor e sobre a melhor forma de apresentação de sua obra, como argumenta o PEM - Projektgruppe Entwicklung des marxischen Systems :

"A compreensão do conceito de valor como abstração historicamente determinada, cuja dimensão plena Marx só consegue captar (fassen) mais para o final do manuscrito dos "Grundrisse", se reflete diretamente na tarefa de precisar a concepção até então aceita do começo da apresentação sistemática [da obra, V.H.K.]. O processo, através do qual os valores dentro do sistema monetário são determinados pelo tempo de trabalho, não cabe no estudo do dinheiro e nem se inclui na circulação; aquele processo se coloca por detrás dela como causa atuante e pressuposto."¹⁶

3.1.2 O papel do dinheiro na intermediação entre valores e preços

Outra variante para relacionar valores e preços tem sido a de ressaltar o papel do dinheiro nesta interrelação, muitas vezes invertendo a ordem rigorosa de desenvolvimento genético das categorias de Marx. Também neste caso o cuidado necessário ao citar trechos de Marx evita contorcionismos e conceitos supérfluos para conciliar colocações aparentes ou realmente contraditórias daquele autor. Um exemplo ilustrativo podemos encontrar em Denis (1951):

"Pour nous, la réponse est aisée, puisque nous savons que les prix sont l'expression de la valeur des marchandises relativement à la valeur de la monnaie [sic! VHK]. Certes, nous savons qu'il ne s'agit pas d'une expression parfaite et rigoureuse dans tous les cas. Mais nous pouvons poser néanmoins qu'il existe pour chaque prix un niveau normal qui

15 A respeito da derivação dos preços veja-se p.ex. PEM (1978): "Porque Marx não se propõe a um diferenciação clara entre valor e valor de troca, sendo este forma aparente do valor, e, por outro lado, o valor de troca é entendido em sua forma desenvolvida do preço, ele não pode fundamentar seja a necessidade do dinheiro a partir das duas determinações contraditórias da mercadoria, seja o processo social de exclusão da mercadoria-dinheiro pressuposta na forma do preço." (p. 17). Ou ainda PEM (1973), p.119: "Já que se trata de derivar a relação interna necessária entre mercadoria e dinheiro, não se pode tomar a forma preço, expressão desta relação, como uma relação acabada. Este círculo só pode ser rompido se se retorna ao movimento mediador contido no resultado. Este retorno às relações básicas simples e a compreensão correta de suas estruturas representam, de fato, a dificuldade propriamente dita da derivação do dinheiro. É só através da abstração da relação aparente, a forma preço, pode-se avançar até as relações mais simples. Se, como nos *Grundrisse*, toma-se simplesmente a mercadoria determinada pelo preço para, a partir dela derivar a duplicação da mercadoria, portanto, o resultado que se quer apresentar está contido na sua premissa, a argumentação se movimenta em círculo; aquele que exatamente se quer romper". [Tradução VHK].

16 PEM - Projektgruppe Entwicklung des Marxischen Systems, *Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie (Rohentwurf) - Kommentar*, pág.326. Tradução do autor.

correspond. au moins de façon approximative, au rapport de la valeur de la marchandise à la valeur de l'unité monétaire" ¹⁷

Basso (1988) se expressa de modo semelhante, mas sem levar em conta a determinação posterior dos preços de mercado que variam no capitalismo em torno do preço de produção: "Contudo, do ponto de vista marxista é fundamental distinguir entre valores e preços e, conseqüentemente, qualquer relação entre valores e preços implica que teremos que dizer algo sobre o valor da moeda (para relacionar valores e preços)" ¹⁸.

Não há dúvida de que o desenvolvimento partindo de valores para chegar aos preços passa pela intermediação do "valor" do dinheiro (mais correto seria poder de compra do dinheiro), tomado como unidade de medida. Mas a moeda como unidade de expressão dos preços afeta a todos os preços da mesma forma. Mesmo supondo uma variação no poder de compra da moeda a relação entre as mercadorias não se altera, apenas a notação nominal de seus valores ¹⁹. A questão do valor é subjacente aos preços e constitui a sua primeira determinação.

Mollo (1989), citando Brunhoff, fornece uma outra derivação da importância da "moeda" para a relação entre valor e preço, diferenciando entre valor individual e o valor imanente social, sendo este "determinado pelas condições sociais médias", para, no passo seguinte, distinguir "valor realizado, ou preço (expressão monetária de valor) e valor" (pag. 197). De modo mais explícito:

"A conversão em moeda, a venda, determina então, de modo definitivo, o valor em termos de unidades monetárias; que assume então a forma preço. Levando em conta a forma preço, concluímos que a determinação final do valor através da troca, pela conversão das mercadorias em moeda, impõe a dominação do preço social mercantil sobre o valor imanente. De acordo com o preço que a mercadoria obteve, é possível que somente uma parte do valor imanente tenha sido realizada, como também é possível que o preço seja superior ao valor imanente." ²⁰

Estas duas últimas interpretações partem de uma visão simplificada da relação entre valores e preços apenas intermediada pela venda e, assim, recebendo nela uma notação expressa em unidades de moeda. Esta derivação leva apenas em conta elementos desenvolvidos no início de *O Capital*, a partir das características da mercadoria em geral, antes mesmo da transformação do dinheiro em capital. Ela não incorpora a análise necessária da taxa de lucro nem o processo de sua formação como média móvel de valores constantemente cambiantes, descrito no Livro III de *O Capital* na derivação da categoria dos preços de produção. Interpretações deste tipo só têm sentido considerando que Marx estivesse estudando uma economia mercantil simples ao escrever os primeiros capítulos de *O Capital*. Mas como o próprio autor explicita que desde o começo está tratando da economia capitalista - bastaria ler a primeira frase do Capítulo I ²¹ - estas colocações perdem qualquer relação com o pensamento expresso de Marx.

17 DENIS (1951). p. 124. Para o autor o "prix normal" é aquele que incorpora a taxa média de lucro, para a qual tendem as taxas individuais de lucro (veja o parágrafo seguinte, na mesma página). O erro de DENIS é não reconhecer que a relação entre valores e preços intermediada apenas pelo dinheiro, desenvolvida nos GRUNDRISSE é um procedimento formal que depois foi abandonado em *O Capital*.

18 Basso (1988). pág. 414.

19 As relações entre os preços das mercadorias, que na teoria de Marx são fundadas no valor-trabalho, vêm expressas, a grosso modo, na teoria econômica convencional pelo conceito de preços relativos. Estes, contudo, não são passíveis de uma explicação racional além daquela do valor-trabalho.

20 Mollo (1989) pag. 189/190.

21 Marx, K. (1985). p. 45: "A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma "imensa coleção de mercadorias"...[grifo meu, VHK]

A insistência nesta concepção "estruturalista" de uma economia mercantil que englobaria entre outras a capitalista, denota uma limitada compreensão do método de exposição de Marx, hoje suficientemente conhecido e estudado, ainda mais desde a publicação dos *Grundrisse* ²²

Não é através do dinheiro - ou a moeda como querem alguns - que Marx determina os preços a partir do valor, nem mesmo no Livro I. A permutabilidade das mercadorias pressupõe sua determinação enquanto valores. Na verdade, quando ele trata a derivação dos preços de maneira plena o faz através da distribuição da mais-valia produzida em partes aliquotas não do trabalho socialmente necessário para a produção de cada mercadoria mas sim proporcional ao capital investido, no processo constante de igualação das taxas de lucro constantemente diferentes. Esta derivação é a que explica porque, no capitalismo, os preços diferem dos valores. O dinheiro e seu poder de compra - seja dinheiro metálico seja dinheiro de papel - só explicam as variações do nível geral de preços e, portanto, deixam intocável a relação fundamental entre valor e preço. É claro que se o preço de todas as mercadorias se multiplica por dois, porque o poder de compra do dinheiro diminui para a metade, cada mercadoria continuará representando o mesmo tempo de trabalho socialmente necessário e por isto os preços relativos não mudarão. Apenas sua expressão nominal muda, seu conteúdo continua o mesmo.

Marx deixa no entanto muito claro que, na circulação de signos de dinheiro, a quantidade de dinheiro em circulação é uma variável chave para a determinação do poder de compra de cada bilhete. Trata-se de uma determinação derivada, subordinada à Teoria do Valor, porém importante. A Teoria Quantitativa da Moeda - incluindo as versões monetaristas atuais - faz dela o principal elemento explicador para a elevação generalizada dos preços. A discordância com esta teoria tem levado muitos autores marxistas a não considerar a questão da quantidade de dinheiro de papel ²³. Esta problemática é, de fato, mais complexa, tendo em vista que o dinheiro de papel que circula nas sociedades capitalistas plenamente desenvolvidas é uma forma de dinheiro de crédito: o bilhete inconvertível do Banco Central. Sua circulação está relacionada com a circulação de letras comerciais, dos depósitos bancários e com a criação de dinheiro através da concessão de empréstimos ⁽²⁴⁾. Entender como circulam estas diversas formas de dinheiro de crédito e de que modo a sua quantidade afeta o nível geral de preços é um imperativo também para a teoria marxista. Para tal Marx desenvolve a categoria da quantidade de dinheiro em circulação, que difere daquela usualmente utilizada da quantidade de dinheiro total, muitas vezes confundida com a quantidade de dinheiro emitida. ²⁵

²² Veja-se para tal a obra clássica de Rosdolsky (1989), sobre os *Grundrisse*.

²³ Veja-se por exemplo os autores franceses com influência marxista, como Brunhoff, Aglietta e Lipietz. Brunhoff (1979) chega a afirmar que "aucun auteur marxiste n'adopte une analyse monétaire que reviendrait à faire de l'excès d'émission de la monnaie une cause de l'inflation" (pág. 131). O próprio Marx se encarrega de desmentir esta afirmação, já que dedica boa parte de sua principal obra a estudar a determinação sucessiva desta quantidade de dinheiro à medida que vai avançando na derivação lógica-dialética das categorias inerentes ao sistema capitalista. A própria Brunhoff, em seu livro editado no Brasil em 1976, faz observações sobre os efeitos da quantidade de "moeda" para a determinação de seu valor, o que é o mesmo que dizer nível geral de preços. É bem verdade que a maioria dos autores principalmente franceses (por exemplo AGLIETTA, 1979, e LIPIETZ, 1983 e 1986), adotando a análise da inflação de BRUNHOFF (1979) abandonou completamente a trilha indicada por DENIS, H. (1951), que dedica boa parte de sua obra clássica sobre a "moeda" à questão da quantidade de dinheiro e suas implicações para as variações do nível geral de preços. A este respeito veja-se Klagsbrunn, V. (1990) e Klagsbrunn, V. (1992).

²⁴ Sobre o dinheiro de crédito, veja Klagsbrunn, 1992.

²⁵ V. Klagsbrunn, 1990.

Marx é o autor que, por excelência, não toma o dinheiro como um dado da realidade mas se propõe a explicar a sua gênese lógica a partir da circulação das mercadorias. Para o autor o dinheiro é o outro lado da circulação de mercadorias. Esta gênese lógica e histórica só se completa, a partir da teoria do valor, passando pela "seleção" por parte da sociedade de uma mercadoria isolada para ser o equivalente geral. Este assume as funções de medida de valor e meio de circulação constituindo o dinheiro enquanto tal. Suas funções levam a que seja substituído por signos de valor e pelo dinheiro de crédito que circulam de modo bastante indireto referidos ao equivalente geral.²⁶

As várias formulações encontradas em Marx para a relação entre valor e preço estão, como se enfatizou, intimamente associadas ao entendimento da categoria *trabalho socialmente necessário*. Vejamos de que modo a visão de Marx quanto sobre essa categoria se desenvolveu ao longo das obras mais importantes até a formulação definitiva em *O Capital*. A análise desta evolução no pensamento do autor nos permitirá esclarecer o seu papel central na teoria do valor-trabalho.

3.1.3. O processo de explicitação da categoria trabalho socialmente necessário na obra de Marx.

Nos *Grundrisse* o valor é inicialmente determinado com base no tempo de trabalho objetivado médio (solução "tecnológica", segundo Rosdolsky²⁷). Com base na sua linha de argumentação, nos *Grundrisse* Marx ainda podia empregar a expressão valor de mercado ao se referir ao preço de mercado e podia desenvolver a diferenciação de valor e preço como, na derivação meramente formal aludida acima, do primeiro como média das variações do segundo.

No primeiro capítulo de *Para a Crítica da Economia Política*, obra publicada em 1859, Marx desenvolve de forma mais explícita os dois aspectos sociais do valor, como tempo de trabalho socialmente médio necessário para a produção da mercadoria e a quantidade de trabalho posta na quantidade da mercadoria que corresponde à demanda social por ela, expressa em primeira linha na troca com as demais mercadorias. Mas o trabalho que importa é o necessário para produzi-lo sob condições médias, sem especificar na própria formulação seu caráter social. Da mesma forma que valor é utilizado como sinônimo de valor de troca²⁸, a expressão "trabalho socialmente necessário" não aparece ainda²⁹. É bem verdade que para Marx já estava muito claro

²⁶ Ver Klagsbrunn. 1992.

²⁷ Rosdolsky. 1978. pág. 118 e seqs.

²⁸ Idem. "Contudo, a mercadoria como tal é a unidade imediata de valor de uso e valor de troca;" (p.40) Em contraposição em *O Capital*, capítulo I: "O valor de troca parece, portanto, algo casual e puramente relativo;" (p.46). mera forma de expressão do valor. "O que há de comum, que se revela na relação de troca ou valor de troca da mercadoria, é, portanto, o seu valor". (p.47)

²⁹ V. Marx. K. (1986). p.ex. "Em outras palavras, supõe-se que o tempo de trabalho contido em uma mercadoria é o tempo de trabalho necessário para a sua produção, ou seja, o tempo de trabalho requerido para produzir um novo exemplar da mesma mercadoria, sob condições de produção gerais dadas." (p. 34) "Seu valor de troca realizado, isto é, expresso no valor de uso de outras mercadorias, deve igualmente depender da proporção em que varia o tempo de trabalho empregado para a produção de todas as outras mercadorias." (pág. 39) Ou ainda "O tempo de trabalho social existe, por assim dizer, apenas de forma latente nessas mercadorias, e se manifesta somente em seu processo de troca. Não se toma como ponto de partida o trabalho dos indivíduos, na condição de trabalho coletivo, mas inversamente os trabalhos particulares de indivíduos privados, trabalhos estes que apenas no processo de troca se confirmam como trabalho social geral por eliminação de seu caráter original. Por isso, o trabalho social geral não é uma pressuposição acabada, mas sim um resultado vindo a ser. E assim resulta a nova

que o trabalho despendido na produção só resulta em mercadoria quando ela recebe valor na troca. Se esta não ocorre, a mercadoria não mostra ter valor de uso para outros, o trabalho despendido o foi em vão.³⁰

Na primeira edição de *O Capital*, a de 1867³¹, Marx ainda utiliza indiferentemente valor de troca e valor, como na nota nº 9: "Quando usarmos daqui em diante a palavra "valor", sem qualquer qualificativo, trata-se sempre de valor de troca"³². Contudo, ele observa que "Ele [o valor de troca] precisa se diferenciar dos seus diversos modos de expressão... Do mesmo modo os valores de troca das mercadorias devem ser reduzidos a algo *comum*, do qual eles representam mais ou menos".³³ Esta precisão dos dois conceitos, portanto, apenas ainda não se refletia na sua forma de exposição sobre a relação entre valor de troca e valor, mas depois de deixá-la esclarecida ele passa a adotar apenas a expressão valor e não mais valor de troca, embora ainda as considerasse formulações permutáveis.

Na primeira edição de *O Capital* já aparece também a expressão *trabalho socialmente necessário*, sem maiores especificações do que as indicadas acima do trabalho socialmente necessário (médio) para a produção de determinada mercadoria.³⁴

Rosdolsky (1989) discute a questão do trabalho socialmente necessário (p.118) ao sublinhar a importância do valor de uso da mercadoria, já que este se expressa novamente na quantidade socialmente necessária de uma determinada mercadoria. Aquele autor salienta que há em Marx duas etapas de interpretação, como já mencionado, (p.124) e cita Marx (*O Capital*, Livro.III):

"La necesidad social, es decir el valor de uso elevado a la potencia social, aparece aquí como determinante de la cuota del tiempo global de trabajo social correspondiente a las diversas esferas de la producción en particular, pero sólo se trata de la misma ley que se manifiesta ya en la mercancía individual, a saber, la de que su valor de uso es un supuesto de su valor de cambio, y por ende de su valor".

Não é por acaso que esta como as demais indicações e citações de Marx sobre o tempo de trabalho socialmente necessário, mencionadas por Rosdolsky no trecho destacado (páginas 118 e segs.), foram extraídas de *O Capital* (especialmente do Livro III) e não dos *Grundrisse*. É incontestável que nos *Grundrisse* Marx adota ainda outra forma de desenvolvimento para a categoria do tempo de trabalho socialmente necessário e, por conseguinte, do valor, fato para o qual Rosdolsky não chama a atenção.

A intermediação entre valores e preços só se completa no Livro III, Capítulo X, de *O Capital*, através da consideração das categorias valor e preço de produção como

dificuldade, pois, por um lado, as mercadorias devem entrar no processo de troca como tempo de trabalho geral objetivado, mas por outro lado a objetivação do tempo de trabalho dos indivíduos como geral é, ela própria, um produto do processo de troca." (pág.43)

30 Idem. "Ela [a mercadoria] continua sendo valor de uso para ele, mas apenas como valor de troca. ... Não sendo valor de uso para seu próprio possuidor, é valor de uso para possuidores de outras mercadorias. Quando isso não acontece, seu trabalho foi trabalho em vão, não resultou portanto em *mercadoria*." (p.40)

31 Ver Marx, K., *Das Kapital*, Erstes Buch - Der Produktionsprozess des Kapitals, Erstes Kapitel: Ware und Geld (1867). in: Iring Fetscher (Ed.) 1966, Marx-ENGELS II - Studienausgabe in 4 Bände. Politische Ökonomie. Fischer Bücherei, Frankfurt am Main, pág.218.

32 Idem. p.273 (Tradução: VHK). Já na segunda edição de *O Capital* (Marx.K, 1985) a distinção é esclarecida: "o valor de troca só pode ser modo de expressão, a "forma de manifestação" de um conteúdo dele distinguível." (p. 46)

33 Idem 217 (Tradução VHK). A respeito veja-se PEM (1973), 142.

34 Marx, K. (1966), p. 218.

sendo só plenamente determinadas incluindo a esfera da concorrência, do mercado. Este ponto será discutido ao final deste trabalho.

4. *Valor de Mercado, preços de produção e preços de mercado.*

Para ressaltar os vários aspectos que dão ao valor sua dupla determinação social, como visto, Marx menciona os dois níveis de determinação do trabalho gerador de valor como sendo apenas o socialmente necessário ainda no Livro I de *O Capital*. A partir daí Marx pode se referir a valores, que determinam em primeira instância os preços, como sendo sempre os de mercado. O processo social de determinação dos preços é descrito com minúcias sobretudo no Capítulo X do Livro III. Lá o autor desenvolve os vários níveis de determinação do mercado, tanto na esfera dos valores quanto na dos preços e o valor é sempre referido, para não deixar dúvidas, como valor de mercado.

Embora escrito antes do Livro I, o Capítulo X do Livro III, não introduz nada de novo ao enfatizar o valor como valor de mercado. Ao contrário, ele segue no mesmo caminho posteriormente indicado no Livro I. O elemento central para entender o valor como social, desde sua introdução no Livro I, é a dupla determinação do trabalho formador de valor, o trabalho socialmente necessário. É evidente que existe a instância do produtor individual, na qual se define quanto cada um necessita de tempo de trabalho para produzir sua mercadoria em cada fase. Nesta esfera haveria algo como um valor individual, ao qual Marx se refere claramente. Contudo, este só pode ser entendido como uma primeira etapa da análise do valor de mercado, no qual os produtores se confrontam entre si para atender à demanda social. O valor individual, o tempo de trabalho despendido por cada produtor, acaba sendo subsumido pelo valor social, que vai determinar quanto do trabalho incorporado de fato é formador de valor ou mesmo qual a proporção da total produzido se constitui em mercadoria.

Rosdolsky menciona que a dupla determinação do trabalho socialmente necessário parece a muitos como contraditória³⁵. Afinal de contas o que diferenciaria o valor do preço se ambos estão pressupostos no mercado? Com a introdução dos preços de produção os preços de mercado já não são a expressão nominal dos valores. Aqui intervêm a questão da passagem de valores a preços de mercado passando pelos preços de produção, cuja discussão não pode ser retomada nos limites deste trabalho. Sabemos também que a revelação do valor é um produto da análise para exatamente determinar os preços de mercado e só estes últimos têm existência real. O valor, enquanto nível primeiro de determinação dos preços, na forma como foi desenvolvido por Marx, contém também, como mostrado neste trabalho, uma dupla determinação social e está tão imerso no mercado como as demais categorias de *O Capital*. Como tal podemos constatar, além disto, mais alguns aspectos diferenciadores entre valores e preços, com o intuito de sobretudo deixar mais claro suas interrelações e suas esferas de movimento.

Em primeiro lugar a oscilação, ao sabor do jogo de oferta e demanda, dos preços é muito mais pronunciada e errática do que a dos valores pode ser. Isto porque os valores estão referidos diretamente à quantidade de trabalho socialmente necessária e esta certamente varia, mesmo sob a influência do mercado, de modo menos brusco, pois o valor precisa de um tempo maior para se consolidar em um outro nível. Para ser coerente com a posição aqui exposta, toda vez que as condições médias de produtividade e as relações entre oferta e demanda perdurarem o suficiente, elas estabelecerão, em conjunto, um novo nível de valor para uma determinada mercadoria. Já os preços de mercado oscilam diretamente ao sabor do mercado, estão mais expostos a condições fortuitas e casuais e oscilações dos preços em um sentido tendem a desencadear uma reação em sentido contrário: um excesso de demanda tende a um aumento dos preços que, por sua vez, pressiona para uma diminuição de demanda. Estes movimentos compensatórios explicam em boa parte porque variações nas

³⁵ Rosdolsky. R. (1989). p.119.

condições de oferta e demanda, que afetam diretamente os preços de mercado, mesmo quando erráticas, exigem tempo para se consolidar em uma direção que indique variação subjacente do valor de mercado.

Rosdolsky (1989) crê haver vários trechos contraditórios tanto no Livro III quanto em sua comparação com as Teorias da Mais Valia.³⁶ Assim, desta última obra, ele sublinha a frase:

“La diferencia entre el valor de mercado y el valor individual de un producto sólo puede referirse, por ende, a la diversa productividad con la que una cantidad determinada de trabajo produce diversas porciones del producto total. *Jamás puede referir-se a que el valor resulta determinado independientemente de la cantidad de trabajo que se aplica en general en esa esfera.*”. (p.231) [O grifo é de Rosdolsky]

E segue comentando outra citação:

“Este próprio valor de mercado nunca puede ser mayor que el valor individual del producto de la clase menos fructífera” (de las minas de carbón). “Si fuese más elevado, ello sólo demostraría que el precio de mercado se halla por encima del valor de mercado. Pero el valor de mercado debe representar el valor real.” (p.260)

Aqui também vale a ressalva já feita anteriormente sobre os *Grundrisse*. Em que pese serem apresentadas por Kautsky como o Livro IV de *O Capital*, *As Teorias da Mais-Valia* não só foram escritas muito antes como têm um caráter bem diferente, de anotações e observações sobre autores anteriores, com base em idéias e concepções que posteriormente, durante a elaboração de *O Capital*, foram em boa parte amadurecidas e modificadas. Além disto, as citações reproduzidas não dizem tanto quanto Rosdolsky pretende. Senão vejamos.

Na primeira afirma-se apenas que o valor de uma mercadoria está sempre relacionado com a quantidade de trabalho aplicado em sua esfera de produção, pois a média do trabalho incorporado em cada mercadoria individual só pode ser calculada dividindo o trabalho total aplicado na esfera pela quantidade produzida. Mas, além disto, esta relação não pode ser entendida, como visto, como sendo todo o trabalho aplicado na esfera gerador de valor, pois uma parte da produção pode não encontrar comprador e não se constituir em mercadoria.

A segunda citação apenas afirma que o valor, em sua dupla determinação, só pode estar incluído no intervalo de trabalho incorporado pelo produtor em piores condições de produção, em um extremo, e aquele em melhores condições no outro. E se no caso a situação de mercado levar o preço a extrapolar o intervalo indicado há certamente um desvio do preço de mercado com relação ao valor de mercado. Daí Rosdolsky completa com sua conclusão: “pero no una modificación del próprio valor de mercado”³⁷, o que não é o mesmo que Marx escreveu (“Pero el valor de mercado debe representar el valor real”). Embora Rosdolsky reconheça não ver uma posição clara em Marx, a citação destas passagens pode dar a entender que a possibilidade de que os valores de mercado se modifiquem em função de situações no mercado não tenha importância digna de nota. Sua relevância se dá sobretudo em função do rigor da categoria valor, um resultado da análise desenvolvida por Marx, e do reconhecimento do próprio método de exposição de Marx, segundo o qual abstrações e simplificações da realidade só são aceitáveis se não a contradizem frontalmente mas são apenas partes do todo que se quer analisar.

³⁶ Rosdolsky, R. (1989). p. 122-125.

³⁷ Idem, p. 122.

A análise da mercadoria em geral, em abstrato, conforme é apresentada nos primeiros capítulos de *O Capital*, não poderia conter abstrações irreais quanto ao sistema que se está analisando. Toda ciência caminha através de abstrações e simplificações. Estas constituem apenas elementos extraídos de um real complexo, que ao serem desenvolvidos teoricamente nos abrem o caminho para o entendimento do real. Nas simplificações sempre abstrai-se de uma grande quantidade de outros elementos do objeto da análise. Para Marx, nem por isto a simplificação pode conter elementos estranhos à realidade. Se a análise de Marx começa pela mercadoria em geral, como categoria abstrata, e não por exemplo pelo produto, é porque no capitalismo nunca podemos abandonar a circunstância sempre presente do mercado, ou seja de que todo produto está destinado à venda. Trata-se de abstração por isto absolutamente aceitável, diferente das do tipo "suponhamos inicialmente um mercado perfeito". Introduzir abstrações alheias ao real, com o objetivo de simplificar, nos leva a pensar o real de modo diferente do que ele é, e todas as conclusões assim alcançadas estão viciadas pela suposto irreal de origem e, em algum momento e de algum modo mostram sua limitação. Deixar de lado o suposto irreal, em algum ponto da análise, não resolve o problema, pois na verdade teríamos que abrir mão de todos os avanços anteriores feitos com base no suposto irreal.

Uma última questão pode também ser levantada quanto à pretensa circularidade embutida no raciocínio de Marx. Se os valores já se movimentam no mercado e este só se constitui ao se desenvolver teoricamente os preços, como se pode falar em valor de mercado quando este não está teoricamente desenvolvido?

Por outro lado, se só com a análise dos preços no Cap. X do Livro III de *O Capital*, o mercado se constitui em todos os seus elementos centrais, ainda sem incluir a grande quantidade de determinações advindas das esferas do crédito, é já com os primeiros passos no desenvolvimento da teoria do valor que Marx está começando a delinear todos os níveis de determinação dos preços de mercado e portanto do mercado capitalista. de bens. A quem se sentir incomodado pela aparente circularidade do desenvolvimento teórico dialético de Marx, é preciso que se diga que este procedimento, partindo da categoria logicamente precedente - o valor - para chegar aos preços de mercado, passando pelo preço de produção, incorporando as determinações advindas do mercado sobre o próprio conceito de valor inicialmente introduzido, reproduz a própria lógica da realidade concreta e, também, o processo do conhecimento dialético assim como a prática humana, e por isto é o adotado por Marx. Um exemplo simples e esclarecedor é a relação entre a produção e a circulação. A primeira precede logicamente a segunda por ser forçosamente o ponto de partida da análise do modo de produção. Mas uma vez desenvolvidas as leis que regem a circulação, estas afetam a produção, que depende de ser vendida para auferir lucro, o objetivo da economia capitalista. Este nível de circularidade não pode ser negado, ao contrário, ele deve necessariamente ser desenvolvido por ser parte do que se passa de fato no modo de produção. Mas sem negar a precedência ontológica da produção sobre a circulação. Em última análise é a produção que determina a circulação, pois só pode circular o que antes foi produzido. Porém, a circulação também determina, de modo subordinado, a produção, pois só é produzido o que tem perspectiva de venda.

BIBLIOGRAFIA

- AGLIETTA, Michel (1979): *Regulación y Crisis del Capitalismo. La Experiencia de los Estados Unidos*, Siglo XXI.
- BASSO, L.F.Cruz (1988). Hilferding e o problema da conceituação do valor da moeda. In: ANPEC. *Anais Volume II. XVI Encontro Nacional de Economia*, Belo Horizonte, p.409-428
- BRUNHOFF, S.de (1978), *A Moeda em Marx*, Ed.Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- BRUNHOFF, S. de (1979), *Les Rapports d'Argent*, PUG - Maspero, Paris.
- DÉNIS, H. (1951), *La Monnaie*, Editions Sociales, Paris

- KLAGSBRUNN, V. (1991). Considerações sobre a Categoria Dinheiro de Crédito. In: Ensaios FEE, Porto Alegre, (13)2: 592-615, 1992
- KRÜGER, S./TRABER, U. (1989), Zur Politischen Ökonomie des Geldes, Teile I u. II, in: Sozialismus 6 e 7/8 de 1989, VSA, Hamburgo
- LIPETZ, A. (1986). Moeda Crédito: Uma Condição Que Permite a Crise Inflacionária, in: Ensaios FEE, 7(2), P. Alegre.
- MANDEL, E. (1976). Marxistische Wirtschaftstheorie, Band I, Suhrkamp, Frankfurt/M. Original em francês: *Traité d'Économie Marxiste*.
- MANDEL, E. (1982). O Capitalismo Tardio, Ed. Victor Civita, S. Paulo
- MARX, K. (1966). Das Kapital, Erstes Buch. 1. Auflage (1867). In: Marx-Engels II, Studienausgabe in 4 Bände, Politische Ökonomie, Fischer's Bucherei, Irving Fetscher (Hg), Frankfurt am Main.
- MARX, K. (1973). Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (borrador) 1857-58. *Grundrisse*. Siglo cintiuno argentina editores sa, Vol. 1, 4ª edição
- MARX, K. (1985). O Capital, Ed. Nova Cultural, Livros I a III. São Paulo
- MARX, K. (1986). Para a Crítica da Economia Política, Ed. Nova Cultural, Série Os Economistas. S. Paulo. 2ª edição
- MOLLO, M. de Lurdes R. (1990). Valor e Moeda em Marx: Crítica da Crítica. In: ANPEC, Anais 1, 18º Encontro Nacional de Economia, Brasília
- MOLLO, M. de Lurdes R. (1989). A Relação entre Moeda e Valor em Marx. In: ANPEC, Anais 1, 17º Encontro Nacional de Economia, Fortaleza, p. 179-200
- PEM - Projektgruppe Entwicklung des Marx'schen Systems (1973), Das Kapitel vom Geld - Interpretation der verschiedenc Entwürfe, VSA Verlag, West-Berlin.
- PEM - Projektgruppe Entwicklung des Marx'schen Systems (1978), Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie - Kommentar, VSA Verlag, Hamburg.
- ROSDOLSKY, R. (1989), Genesis y estructura de El Capital de Marx (estudios sobre los Grundrisse). Siglo Veintiuno Editores, 6ª ed. Mexico, D.F.